

A SALA DE AULA E O ENSINO DE HISTÓRIA: TENSÕES E POSSIBILIDADES NO FAZER PEDAGÓGICO

Cledson Alves Bispo Barra

Graduando em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

E-mail: cledsonalves@raulrockclub.com.br

Palavras-chave: Ensino de História. Sala de Aula. Relação Aluno-Professor-Aluno. Aprendizagem de História.

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados e impressões da visita realizada a sala de aula, desenvolvido por discentes do Curso de Licenciatura em História da UESB, através da atividade de observação e análise de um espaço escolar, sua estrutura física e pedagógica, dando ênfase especial às aulas da disciplina história. A atividade que gerou esta comunicação foi proposta pela Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Dantas Pina, da Área de Metodologia do Ensino de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, trabalho avaliativo objetivando a conclusão da disciplina Ensino de História – Teoria e Metodologia, desenvolvida no primeiro semestre de 2009.

No sistema de ensino superior, as licenciaturas são as estâncias oficiais da formação inicial do professor de disciplinas específicas do segundo segmento do ensino fundamental (5^a à 8^a série) e do ensino médio. E para tanto, os currículos dos cursos de licenciatura devem contemplar, necessariamente, a parte conteudista, relativa aos conhecimentos específicos da área, e também a parte pedagógica, referente ao preparo do licenciando para “o estar” em sala de aula. O processo de aprendizagem, ensino e sala de aula é foco constante das pesquisas das disciplinas de metodologia do ensino, que procuram desenvolver o estar em sala de aula através de métodos, estratégias, perspectivas e contextos dos estilos de ensinar e de aprender que servem de base para a relação professor-aluno.

Procurando desenvolver e aproximar a relação entre sala de aula e futuros professores, que a Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Dantas Pina, propôs este primeiro contato entre licenciandos em história e a sala de aula. Neste sentido, a dimensão deste trabalho consiste em, através da prática de observação do cotidiano de um estabelecimento de ensino, examinar o ensejo de um sistema em que predomina diferentes situações e realidades sociais e apresentar uma síntese das observações realizadas do que é uma sala de aula e o que é estar em sala de aula.

Concepção Teórica – Metodológica

A História durante muito tempo foi pensada como uma narrativa do passado, o que interessava eram os grandes fatos, os grandes heróis, a nação, uma história diplomática, uma ciência cientificista, linear nos moldes das ciências exatas, uma história “imperiosamente” universal “válida para todos os povos da terra” (FONTANA, 2004, p. 17). Febvre, Bloch e o grupo dos *Annales* condenam essa história tradicional, por eles chamada historizante, pois nela a atenção é dada somente a documentos escritos, voluntários, negligenciando os documentos não escritos – vestígios arqueológicos, séries estatísticas – e os testemunhos involuntários que muito dizem sobre as atividades humanas.

A história para Bloch era a busca, a escolha, não era o passado: “A própria noção segundo a qual o passado enquanto tal possa ser objeto de ciência é absurda” (BLOCH, 1981, p. 52). Seu objeto é “o homem”, ou melhor, “os homens”, e mais precisamente “homens no tempo”. “A história não responde as questões, ela nos ensina a abordá-las. A história é uma ciência, ela não inventa apenas enxerga” (CAIRE-JABINET, 2003, p. 99).

Hoje, parece ter chegado o tempo das incertezas. A reclassificação das disciplinas transforma a paisagem científica, questionam as primazias estabelecidas, afeta as vias tradicionais pelas quais circulava a inovação. Os paradigmas dominantes, que se iam buscar nos marxismos ou nos estruturalismos, assim como no uso confiante da qualificação, perdem sua capacidade estruturadora [...]. A história, que havia baseado boa parte de seu dinamismo em uma ambição federativa, não é poupada por essa crise geral das ciências sociais (HISTOIRE, 1988, p. 291-292).

O nosso estar no mundo é repleto de ações que nos levam a aprender. O aprender história está ligado diretamente ao seu objeto. A aprendizagem, por sua vez, acontece num entrelaçamento entre informação, conhecimento e saber. As informações que recebemos presentes no outro, nos espaços externos, acionam nossas estruturas mentais movimentando nosso organismo, corpo, esferas dramáticas e cognitivas, transformando-se em conhecimento que se incorpora em nossos saberes (CERQUEIRA, 2006). Bloch (1981) ressalta que toda ação do homem é e deve ser tratada como documento histórico,

Ora, a obra de uma sociedade que remodela segundo suas necessidades, o solo em que vive conforme as suas necessidades é toda a gente o saber por instinto, um fato eminentemente “histórico”. Assim como as vicissitudes de um poderoso núcleo de trocas. Através de um exemplo bem característico da

topografia do saber, eis, portanto, de um lado, um ponto de sobreposição onde a aliança de suas disciplinas revela-se indispensável a qualquer tentativa de explicação; de outro, um ponto de passagem onde, depois de constatar um fenômeno e pôr seus efeitos na balança, este é, de certa maneira, definitivamente cedido por uma disciplina à outra. O que se produziu que parecera apelar imperiosamente à intervenção da história? Foi que o humano apareceu. [...] Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas], por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça (BLOCH, 1981, p. 27-28).

Marc Bloch não se contenta em definir a história e o ofício de historiador, no entanto, quer também assinalar o que deve ser a história e como deve trabalhar o historiador. Mas, como responder as indagações: para que serve a história? O professor como profissional de história, como responde a isso? Como difundir e esclarecer esses conceitos em sala de aula?

Cada docente pode encontrar a forma mais conveniente de propagar certos conceitos, segundo Bittencourt (2005), para se ter o indício certo sobre o conhecimento histórico não deve se limitar a apresentar o fato no tempo e espaço acompanhados de uma série de documentos que comprovam sua existência. Não se trata de dá receitas. “É preciso ligar o fato a temas e aos sujeitos que o produziram para buscar uma explicação. E para explicar e interpretar os fatos, é preciso uma análise, que deve obedecer a determinados princípios” (BITTENCOURT, 2005, p. 183).

Ao abandonar a “velha” e tradicional forma de se ensinar história articulando fatos e interpretando os mesmos, podemos cair em outra realidade: a incapacidade, ou imaturidade, cognitiva dos alunos frente à complexidade dos processos históricos. O professor precisa ter uma visão ampla e profunda sobre a complexa realidade onde se insere a sua prática educativa. Ele também precisa de um espaço de reflexão sobre o verdadeiro sentido de ensinar. Procurando instigar os alunos a conhecerem a si mesmo e a sociedade em que estão inseridos. Assim, Gramsci (1979) reitera a necessidade de um ambiente escolar única, destinado a desenvolver em cada sujeito uma cultura geral, bem como de educar para a vida, levando o aluno a aprender a aprender.

A tendência hoje é a de abolir qualquer tipo de “escola desinteressada” (não imediatamente interessada) e “formativa”, ou conservar delas tão-somente um reduzido exemplar destinado a uma pequena elite de senhores e de

mulheres que não devem pensar em se preparar para um futuro profissional, bem como a de difundir cada vez mais as escolas profissionais especializadas, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminados. A crise terá uma solução que, racionalmente, deveria seguir esta linha: escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre equanimente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual. Deste tipo de escola única, através de repetidas experiência de orientação profissional, passar-se-á a uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo (GRAMSCI, 1979, p. 118).

No livro *A formação social da mente*, Vygotsky (1984) prescreve que a aprendizagem humana pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual a pessoa penetra na vida intelectual daquelas que as cercam. A aprendizagem é fundamentalmente uma experiência social, de interação pela linguagem e pela ação. Sob esta perspectiva podemos cogitar que aprender e ensinar são um processo de construção, reconstrução e de tomada de consciência do próprio desenvolvimento por parte do sujeito. Para ele, o desenvolvimento da aprendizagem não depende apenas da maturação, como defendiam os inatistas, sobre o processo de desenvolvimento do pensamento. Ao falar sobre as funções cognitivas complexas de um sujeito contextualizado e histórico, deu destaque à linguagem, que se interpõe entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Pretendeu, assim, construir uma nova psicologia sobre a interpretação marxista.¹

Paulo Freire (1993) exorta que não existe ensinar sem aprender, mas, sim uma constante troca de informações e que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Na visão de Freire “educação” é ensinar a pensar certo ou raciocinar. A educação está além da simples leitura que fazemos do mundo, do outro ou de nós mesmo. “Uma das condições necessárias ao pensar certo é não estarmos demasiados certos de nossas certezas [...] é difícil, entre outras coisas, pela vigilância constante que temos de exercer sobre nós próprios” (FREIRE, 1997, p. 28-49).

Os professores não podem perder a perspectiva de que (re)construir o conhecimento histórico e escolar é uma ação conjunta, pensada, planejada e executada por todos os agentes escolares. Ferraz (1999) destaca que a utilização de fontes documentais, permite que o aluno, ao invés de constituir-se como um receptor “passivo” do conhecimento histórico, seja estimulado a exercitar o conhecimento da história através de suas próprias experiências com a

¹ Para Marx, filósofo Alemão (1818-1883), não existe o indivíduo formado fora das relações sociais. Ele enfatiza esse ponto ao afirmar: “A essência humana (...) é o conjunto das relações sociais” (MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach).

documentação e com outros meios de informações, produzindo seu conhecimento, estabelecendo relação entre tempo e espaço.

Entre as noções e conceitos históricos fundamentais tanto para a pesquisa quanto para o ensino de História, a noção de tempo histórico e de espaço são fundamentais. Todo objeto do conhecimento histórico é delimitado em determinado tempo e em determinado espaço. É consensual a afirmação de que a História é a “ciência do homem no tempo” e de que o espaço concebido pelos historiadores deve ser entendido como uma construção social (BITTENCOURT 2005, p. 199).

Quando nos distanciamos no espaço e no tempo, o fenômeno humano revela-se tal como é verdadeiramente, ou seja, como um índice de crescimento;

[...] o historiador deve respeitar o tempo que, de diversas formas, é a condição da história e que deve fazer corresponder os seus quadros de explicação cronológica à duração do vivido. Datar é e será sempre uma das tarefas fundamentais do historiador, mas deve fazer-se acompanhar de outra manipulação necessária da duração – a periodização – para que a datação se torne historicamente pensável (LE GOFF, 1990, p. 47).

O professor tem um grande leque de opções metodológicas, de possibilidades de organizar sua comunicação com os alunos, de introduzir um tema, de trabalhar com os alunos. É importante que cada docente encontre o que lhe ajuda mais a sentir-se bem, a comunicar-se bem, ensinar bem e a ajudar os alunos a apreenderem melhor, diversificando as aulas. Paulo Freire (1997) relata propostas de práticas pedagógicas necessárias à educação como forma de proporcionar a autonomia de ser dos educandos respeitando sua cultura, seu conhecimento empírico e sua maneira de entender o mundo que o cerca. Habermans (apud MARQUES, 2000) ressalta que toda aprendizagem tem sentido quando se repercute nas práticas cotidianas dos indivíduos e grupos, reconstruindo o conhecimento e os seus significados e possibilitando novas situações e experiências.

Ensinar não é transmitir conhecimento, nem tampouco amoldar o educando num corpo indeciso e acomodado, mas criar as possibilidades para sua produção ou construção, tendo como base a formação integral do aluno e não apenas sua formação cognitiva, promovendo o desenvolvimento do equilíbrio, da motricidade, de relacionamentos e da inserção social.

Apresentação, Análise e Interpretação dos Dados

A unidade de ensino que serviu como base para a pesquisa foi o Colégio Estadual José Sá Nunes, situado à Rua Carneiro de Campos, 188, no Bairro Iracema – Vitória da Conquista - BA, às margens da BR 116. Para tanto, por razões territoriais e pelo prévio conhecimento que se tem do colégio analisado – haja vista que o mesmo foi palco de boa parte da vida escolar de um dos pesquisadores. O colégio atende um total de 1.875 alunos, distribuídos nos três turnos, sendo 715 matriculados no ensino fundamental e 1.160 no ensino médio. O estabelecimento tem uma área total, de aproximadamente, 4.800 m², deste total 1.576,5 m² é de área construída. Segundo dados fornecidos pela Diretora e observações realizadas, o colégio tem em sua dependência: 13 salas de aula, 01 biblioteca, 01 sala de professores, 02 laboratórios, 01 secretaria, 01 área de lazer, 01 auditório, 01 cantina, 07 banheiros, 02 pátios, 01 sala de diretora, 01 sala de vice-diretora. O colégio tem uma área relativamente grande só que mal dimensionada, com construções do tipo “puxadinho”, muros altos, partes conservadas e outras em péssimo estado de conservação. Outro ponto observado é a grande quantidade de grades espalhadas pelo colégio. As grades dividem os corredores, entrada de pátio, cantina, secretaria e estacionamento.

O Colégio possui dois laboratórios, um de ciências, que não está em uso, servindo mais como depósito de livros; e outro de informática, onde não foi permitido à entrada. O colégio conta com um corpo docente de 62 professores, das diversas áreas de ensino distribuído nos três turnos, destes 08 lecionam a disciplina de história e para completarem a carga horária ensinam outras disciplinas, algumas fora da sua área de formação.

Dos 8 professores que lecionam História, foi escolhida para análise, as aulas ministradas pela Prof.^a Ana Paula de Oliveira Silva, formada em história pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Ana Paula leciona no colégio há mais de cinco anos. Ela apresenta uma carga horária de 20 horas semanais e mais 20 horas extras em processo de enquadramento, distribuídas entre a disciplina de História, Cultura Brasileira, Filosofia, Sociedade e Cultura, Jornalismo Escolar, e Relações Humanas.

Os materiais didáticos utilizados pela professora e que estão disponíveis são: *datashow*, filmes, textos, poemas, mapas temáticos, etc. Segundo, Ana Paula, as salas são superlotadas, há carência de livro e material didático. Um ponto por ela destacado é a ausência de uma biblioteca que dê suporte tanto a alunos quanto aos professores na. Problema

que afeta diretamente o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, sem mencionar ainda a falta de apoio da direção, a displicência dos alunos, a concentração de conteúdos por série, a pressão do governo e da direção por números de aprovados. Para a professora Ana Paula:

Se o Ensino Médio fosse dividido em Formação Geral e Cursos Profissionalizantes, se a escola dispusesse de salas mais amplas, um acervo bibliográfico rico, laboratório de informática, etc., os problemas encontrados durante o processo de ensino-aprendizagem poderiam ser minimizados.²

Ela ressalta ainda, que muitas vezes, a falta de meios de informação acaba influenciando da formação crítica dos alunos, segundo Ana Paula, isso acontece muito com os seus alunos, os quais sentem muitas dificuldades em temas relacionados com política.

A turma observada é a do 3º ano “A”, formada por 47 alunos, 34 mulheres e 13 homens. A faixa etária dos alunos varia entre 16 e 18 anos. Foi possível observar a falta maturidade por boa parte dos alunos, que pode ser associado à idade ou convívio social, a maioria dos alunos possui uma renda baixa, variando entre 1 (um) e 5 (cinco) salários mínimos, a boa parte dos alunos não auxiliam na renda familiar, por se dedicarem exclusivamente aos estudos, a maioria moram perto do colégio.

A turma mostra certo desinteresse principalmente nos momentos em que estão sendo apresentados os trabalhos dos colegas, são constantes as conversas paralelas. Um fato interessante, que pode ser percebido é que essa falta de empenho, conversas paralelas é mais perceptível nos homens.

O tema das aulas observadas foi a Revolução Russa de 1917, onde a turma foi dividida em equipes para apresentarem o tema. Os alunos expuseram o tema através de métodos de métodos distintos. Algumas equipes abordaram o tema através de textos, apresentações em PowerPoint, outra com exposição de imagens iconográficas abordando os principais aspectos do tema. De todas as apresentações a que mais prendeu a atenção da turma foi à equipe que para expor a consolidação da Revolução Russa compôs e executou uma paródia com o tema proposto.

² Informação prestada pela Prof.^a Ana Paula de Oliveira Silva, formada em história pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, em questionário a ela dirigido durante a realização trabalho avaliativo objetivando a conclusão da disciplina Ensino de História – Teoria e Metodologia, desenvolvida no primeiro semestre de 2009.

A principal dificuldade analisada foi à capacidade dos alunos em relacionar passado-presente, e como os sujeitos sociais operam as suas ações em busca da realização de seus desejos. Outro ponto perceptível em algumas das apresentações foi a não utilização do material didático oferecido para consulta. Para tentar sanar tais dificuldades dos alunos, a professora intervém constantemente tirando as dúvidas e frisando que o fator fundamental para se compreender o transcorrer da história é preciso desenvolver uma visão crítica dos principais fatos históricos e sociais, e que o passado só pode ser atingido através do presente (método regressivo de Bloch). Para que a exposição sirva de aprendizagem a professora procura conhecer cada aluno e suas necessidades fazendo com que todos aprendam sem medo de errarem, e insiste para que todos participem. Assim ela procura propor “caminhos” para que alcancem os objetivos propostos.

Considerações Finais

Na sala de aula, vimos que o papel do professor não é apenas o de tomar decisões. Como indivíduo ela é o agente emissor da informação, organizador de atividades e realimentador por excelência do sistema educacional. No processo ensino-aprendizagem alunos e professores deparam-se frente a frente e ambos participam da mesma aventura: ensinar e aprender ao mesmo tempo. Cabendo a escola como instituição dá meios para que essa relação aluno-professor-aluno seja de confiança e de colaboração.

A atividade de observação nos permite analisar contextos diferentes dos nossos, nos dando base para a realização inferências quanto à prática docente. Constatamos que com todas as dificuldades pedagógicas, é possível sim, aliar a teoria à prática. Não é nada fácil, mas quando se faz a preparação às coisas se tornam possíveis. Os Parâmetros Curriculares Nacionais são importantes para desenvolver uma prática pedagógica eficiente. Não podemos valorizar a teoria em detrimento da prática nem fazer o inverso. A teoria será a sinalizadora da prática, é claro, que muitas vezes o professor terá que fazer amoldamentos.

O papel do professor não é apenas de transmissor de conhecimentos e o aluno não é apenas o receptor desse conhecimento, os dois são atores principais do processo de ensino – aprendizagem. É acima de tudo, uma relação de ordem pessoal e humana. A educação sempre será produto da relação entre educadores e educandos.

Um dos principais pontos questionados durante as visitas que fizemos ao colégio, apesar de nos apresentamos como alunos do curso de licenciatura da UESB salientar que nossa presença era com o intuito de realizar um trabalho da universidade, tanto entre alunos como professores foi de onde éramos e o que estávamos fazendo no colégio. Durante todo o período de graduação poucos são os contatos que os estudantes e futuros professores têm com o cotidiano de uma escola e com a realidade que é ser professor e o que é estar em sala de aula, restringindo apenas a trabalhos como este ou a estágios de final de curso. O resultado do trabalho aqui apresentado serviu de aprendizagem e instigação para quem sabe um dia poder está em sala de aula. E como sugestão fica aqui exposta o de se estreitar mais os laços entre as universidades e as escolas de ensino básico, procurando por na prática o que é constantemente abordado em sala de aula, levando o graduando a conhecer a realidade do que é ser professor o que é estar em sala de aula. Fazendo da teoria a prática, aproximando o fazer historiográfico do ensino e tornando o aluno sujeito atuante da história e de seu processo de aprendizagem.

Referências

- ANNALES ESC. Histoire et sciences sociales. Un tournant critique?, *Annales*, v. 43, n. 2, p. 291-293, 1988.
- BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BLOCH, Marc. *Introdução à história*. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1981. p.11-60.
- CAIRE JABINET, Marie Paule. *Introdução à Historiografia*. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.
- CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 29-38, jan/jun. 2006.
- FERRAZ, Francisco C.A. Uma agenda alternativa para o debate sobre o uso escolar das fontes históricas. In: SCHMIDT, Maria A.; CAINELLI, Marlene R. (Orgs.). *III Encontro Perspectivas do Ensino de História*. Curitiba: UFPR/ Aos Quatro Ventos, 1999.
- FONTANA, Josep. *A História dos Homens*. Bauru: EDUSC, 2004. p. 11-55; 471-490.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *Professora Sim; Tia Não: Cartas a Quem Ousa Ensinar*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1993.

GRAMSCI, A. *Os Intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão et al. Campinas: UNICAMP, 1990.

MARQUES, O. *A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência*. 2. ed. Injuí: UNIJUÍ, 2000.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.